

# Poemas de Miguel Hernández 1910-1942\*\*

Tradução de  
José Cláudio de Almeida Abreu

---

\* HERNÁNDEZ, Miguel. *Poemas de Amor*. 2ª edición. Madrid, Alianza Editorial, 1975.

\* Miguel Hernández nasce na província de Alicante (Espanha) a 30 de outubro de 1910. Deixa aos 12 anos a escola para trabalhar com o rebanho de cabras de seu pai, postoreando e ordenhando. Em 1931 em Madri conhece Josefina Manresa, jovem aprendiz de costura, ao redor de quem girará como um satélite a vida do poeta: «Satélite de ti, no hago otra cosa». Verso definitivo que traduz confissão de amor perene. Josefina será com efeito a noiva, a mulher e a mãe dos filhos do poeta. Hernández em 1937 toma parte no Congresso de Escritores Anti-fascistas e visita oficialmente, com um grupo de intelectuais espanhóis, a Rússia. Em 1939, perseguido pela Guarda Civil Espanhola, tenta passar a Portugal por Huelva, porém é capturado pelos portugueses e entregue à polícia espanhola que o encarcera em Sevilha e depois em Madri. Na prisão escreve as «Nanas de la cebolla», na opinião de Concha Zardoya «la más trágica canción de cuna de la poesía española». Em 1941 é transferido para o Reformatório de Adultos de Alicante, em cuja enfermaria morre a 28 de março de 1942.

Obras: *Perito en lunas* (1933), *El rayo que no cesa* (1936), *Viento del Pueblo* (1937), etc.

*A mi Josefina*

Tus cartas son un vino  
que me trastorna y son  
el único alimento  
para mi corazón.

Desde que estoy ausente  
no sé sino soñar,  
igual que el mar tu cuerpo,  
amargo igual que el mar.

Tus cartas apaciento  
metido en un rincón  
y por redil y hierba  
les doy mi corazón.

Aunque bajo la tierra  
mi amante cuerpo esté,  
escribeme, paloma.  
que yo te escribiré.

Cuando me falte sangre,  
con zumo de clavel,  
y encima de mis huesos  
de amor, cuando papel.

*Para minha Josefina*

Tuas cartas são um vinho  
que me transtorna e são  
o único alento  
para o meu coração.

Desde que estou ausente  
só sei sonhar,  
como o mar teu corpo,  
amargo como o mar.

Tuas cartas apacento  
escondido em meu rincão  
e como aprisco e pasto  
lhes dou meu coração.

Sob a terra eu,  
corpo amante, um dia estarei,  
escreve-me, ainda assim, amor,  
que eu responderei.

Quando me faltar sangue,  
da flor com o mel,  
e sobre minha ossada  
amante, quando papel.

## ME SOBRA EL CORAZÓN

Hoy estoy sin saber yo no sé cómo,  
hoy estoy para penas solamente,  
hoy no tengo amistad,  
hoy sólo tengo ansias  
de arrancarme de cuajo el corazón  
y ponerlo debajo de un zapato.

Hoy reverdece aquella espina seca,  
hoy es día de llantos en mi reino,  
hoy descarga en mi pecho el desaliento  
plomo desalentado.

No puedo con mi estrella.  
Y me busco la muerte por las manos  
mirando con cariño las navajas,  
y recuerdo aquel hacha compañera,  
Y pienso en los más altos campanarios  
para un salto mortal serenamente.

Si no fuera ¿por qué?... no sé por qué,  
mi corazón escribiría una postrera carta,  
una carta que llevo allí metida,  
haría un tintero de mi corazón,  
una fuente de sílabas, de adioses y regalos,  
*y ahí te quedas*, al mundo le diría.

## SOBRA-ME O CORAÇÃO

Hoje estou sem saber eu não sei como  
hoje estou só para penas  
hoje não tenho amigos,  
hoje só tenho ânsias  
de arrancar-me inteiro o coração  
e pô-lo debaixo de um sapato.

Hoje reverdece aquele espinho seco,  
hoje é dia de prantos em meu reino,  
hoje descarrega em meu peito o desalento  
chumbo desalentado.

Não agüento minha estrela.  
E procuro a morte pelas mãos  
Olhando com carinho as navalhas,  
e lembro-me daquele punhal companheiro,  
e penso nos mais altos campanários  
para um sereno salto mortal.

Se não fosse por quê?... não sei por que  
meu coração escreveria uma última carta,  
uma carta que trago aqui guardada,  
faria um tinteiro do meu coração,  
uma fonte de sílabas, de adeuses e legados,  
e um *até breve* diria ao mundo.

Yo nací en mala luna.  
Tengo la pena de una sola pena  
que vale más que toda la alegría.

Un amor me ha dejado con los brazos caídos  
y no puedo tenderlos hacia más.  
¿No veis mi boca qué desengañada,  
qué inconformes mis ojos?

Cuanto más me contemplo más me aflijo:  
cortar este dolor ¿con qué tijeras?

Ayer, mañana, hoy  
padeciendo por todo  
mi corazón, pecera melancólica,  
penal de ruiseñores moribundos.

Me sobra corazón.  
Hoy descorazonarme,  
yo el más corazonado de los hombres,  
y por el más, también el más amargo.

No sé por qué, no sé por qué ni cómo  
me perdono la vida cada día.

Eu nasci em má lua.  
Tenho a dor de uma só dor  
que vale mais que toda a alegria.

Um amor me deixou abatido  
e não posso mais reagir.  
Não vêes como minha boca está desprezível,  
como estão disformes meus olhos?

Quanto mais me contemplo mais me aflijo:  
cortar esta dor com que tesoura?

Ontem, amanhã, hoje  
padecendo por tudo  
meu coração, aquário melancólico,  
prisão de rouxinóis enfermos.

Sobra-me o coração.  
Hoje me acovardo,  
eu entre os homens o mais carajoso,  
e por ser o mais, também o mais amargo.

Não sei por que, não sei por que nem como  
me perdôo cada dia a vida.

## TRISTES GUERRAS

Tristes guerras  
si no es amor la empresa.  
Tristes, tristes.

Tristes armas  
si no son las palabras.  
Tristes, tristes.

Tristes hombres  
si no mueren de amores.  
Tristes, tristes.

## TRISTES GUERRAS

Tristes guerras  
se não é amor o fim.  
Tristes, tristes.

Tristes armas  
se não são as palavras.  
Tristes, tristes.

Tristes homens  
se não morrem de amores.  
Tristes, tristes.

## LLEGÓ CON TRES HERIDAS

Llegó con tres heridas:  
la del amor,  
la de la muerte,  
la de la vida.

Con tres heridas viene:  
la de la vida,  
la del amor,  
la de la muerte.

Con tres heridas yo:  
la de la muerte,  
la de la vida,  
la del amor.

## CHEGOU COM TRÊS FERIDAS

chegou com três feridas:

a do amor,  
a da morte,  
a da vida.

Com três feridas vem:

a da vida,  
a do amor,  
a da morte.

Com três feridas eu:

a da morte,  
a da vida,  
a do amor.

## LA PENA HACE SILBAR, LO HE COMPROBADO

La pena hace silbar, lo he comprobado,  
cuando el que pena, pena malherido,  
pena de desamparo desabrido,  
pena de soledad de enamorado.

¿Qué ruy-señor amante no ha lanzado  
pálido, fervoroso y afligido,  
desde la ilustre soledad del nido  
el amoroso silbo vulnerado?

¿Qué tórtola exquisita se resiste  
ante el silencio crudo y favorable  
a expresar su quebranto de viuda?

Silbo en mi soledad, pájaro triste,  
con una devoción inagotable,  
y me atiende la sierra siempre muda.

## A DOR FAZ GRITAR, TENHO COMPROVADO

A dor faz gritar, tenho comprovado,  
quando o que pena, pena malferido,  
pena de desamparo desabrido,  
pena de solidão de apaixonado.

Que rouxinol amante não há lançado  
com palidez, fervor e aflição  
do seu ninho da imensa solidão  
este amoroso grito, melindrado?

Que delicado pássaro resiste  
ao silêncio cruel e favorável  
a expressar seu pranto de viuvez?

Grito na solidão, pássaro triste,  
com uma devoção inesgotável  
e me ouve a montanha em sua mudez.

**SER ONDA, OFICIO, NIÑA, ES DE TU PELO**

Ser onda, oficio, niña, es de tu pelo,  
nacida ya para el marero oficio;  
ser graciosa y morena tu ejercicio  
y tu virtud más ejemplar ser cielo.

¡Niña!, cuando tu pelo va de vuelo,  
dando del viento claro un negro indicio,  
enmienda de marfil y de artificio  
ser de tu capilar borrasca anhelo.

No tienes más que hacer que ser hermosa,  
ni tengo más festejo que mirarte,  
alrededor girando de tu esfera.

Satélite de ti, no hago otra cosa  
si no es una labor de recordarte.  
— ¡ Date presa de amor, mi carcelera!

## SER ONDA Ê OFÍCIO, MENINA, DE TEU CABELO

Ser onda é ofício, menina, de teu cabelo,  
já tão bem nascida para o marinho ofício;  
ser graciosa e morena é teu exercício  
e tua virtude mais exemplar o desvelo.

Menina, quando voar teus cabelos vejo  
dando do vento forte e claro um negro indício,  
mudar o rumo de marfim e de artifício  
de tua capilar borrasca é meu desejo.

Não tens que fazer senão seres desejada,  
nem tenho outro prazer que não seja mirar-te,  
ao redor girando de tua esfera de amor.

Satélite teu, não consigo fazer nada  
que não tenha por finalidade lembrar-te.  
— Dá-te, minha carcereira, presa de amor.